

TODAS LAS FAMILIAS FELICES...
REFLEXÕES SOBRE A DIALÉTICA DO INDIVÍDUO E DA
SOCIEDADE NA LITERATURA
(À guisa de apresentação)

Prolegômenos: de um provérbio francês até Greimas, passando por Tolstói, Fuentes, Aristóteles...

Reza um provérbio francês (talvez universal) que “as pessoas felizes não têm história” (*les gens heureux n'ont pas d'histoire*). Nessa ideia (ou uma parecida), Tolstói tomou impulso para modelar a conhecida frase de abertura de *Anna Karenina* (1877): *Todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são cada uma à sua maneira*. Cujas quatro primeiras palavras, o escritor mexicano Carlos Fuentes tomou emprestado para usar, por antífrase, como título de uma coletânea de narrativas curtas: *Todas las familias felices* (2006).

Felizes, logo *sans histoire*, ou, explicitando a polissemia do vocábulo francês e o duplo sentido decorrente: sem história e sem estória. Pois, coletividades e figuras felizes não propiciam matéria para conto, romance, peça de teatro, não proporcionam tema para novela radiofônica ou televisionada, nem para filme. Sim, porque todo roteiro é necessariamente construído a partir de, com base em e em torno de um problema a solucionar, com o qual o(a)s protagonista(s) se defronta(m), sozinho(a)(s) ou não.

Nas narrativas literárias ou fílmicas, não há enredo sem que, diante do protagonista, surja pelo menos uma complicação, dificuldade, aflição ou desgraça; não há ação (no sentido de sequência de acontecimentos, fatos) sem enigma a elucidar, nó a desatar, quebra-cabeça a resolver; não há expectativa, intensidade, tensão sem caminho pedregoso a trilhar, nem obstáculo a ultrapassar; não há movimentação, progressão, clímax, reviravolta sem ameaça a ser evitada ou eliminada, sem conflito a administrar, enfrentar ou liquidar.

Bem o sabe toda e todo aquele que se permite o prazer de *ce vice impuni, la lecture* (“esse vício impune, a leitura”, Valéry Larbaud). Sabe por intuição (ou osmose com as obras lidas). E talvez porque, também, lhe chegou aos ouvidos algo a respeito de Aristóteles (ou de seus descendentes, seja os da Roma Antiga, dos séculos XVI a XVIII ou nossos contemporâneos). Aliás, deve ser dito que o arguto e penetrante estagirita já tinha percebido o essencial e chegado ao cerne da questão, formulando-o em conceitos e terminologia bastante úteis e adequados já que se demoraram séculos até suas limitações serem sentidas e ressentidas, fazendo-se, então, necessário aperfeiçoar, aprimorar as ferramentas, tornando-as mais precisas e potentes para as análises. O que pode ser resumido assim: da “mudança de

fortuna” e do sistema quaternário de Aristóteles (com apresentação, nó, peripécias e desenlace) passou-se, com Greimas (para restringir-se a um único nome), à sequência narrativa quinária (com perturbação ou elemento perturbador, e dinâmica daí decorrente) e ao esquema actancial em que o sujeito/protagonista, em busca de seu objeto/objetivo, está ladeado de adjuvante(s) e opositor(es).

E onde entra o tema específico posto para este número da revista?

Elementos de delimitação do tema deste número

Conforme a ementa de sua chamada, este número se propõe estudar, nas literaturas de língua francesa, “os problemas com que se defronta o indivíduo em sua relação, às vezes harmônica, outras vezes conflituosa, com as sociedades modernas”. Por que o indivíduo (ou sujeito)? Por ser a unidade de base e o destacado fruto do existir humano moderno, bem como parte essencial da matéria literária. Por que a coletividade ou comunidade ou sociedade? Porque constitui a condição primeira da existência do ser humano (ser social, por definição). E quando dizemos *sociedade*, vale dizer, a sociedade onde, na ficção literária considerada, o(a) personagem nasceu, cresceu e vive(u) e/ou aquela(s) em que se encontra(ou). Ou seja, a chamada convidou a “colocar em perspectiva as articulações entre, por um lado, o individual e suas aspirações, e, por outro lado, a vida social e suas regras”.

Para tentar apreender mais concretamente a questão, vamos voltar onde paramos no item anterior: as narrativas literárias, fílmicas, as peças de teatro são sempre dominadas (portanto, sobredeterminadas) pelas manifestações e ação de algum elemento perturbador (donde resulta perturbação).

A situação difícil (a adversidade, o apuro, o perigo) pode proceder das forças da natureza (tufão, terremoto, tsunami, nevasca, avalanche, orca ou tubarão assassino); de falhas puramente tecnomecânicas afetando o funcionamento seguro de um trem, avião, barco, submarino, criando risco de desastre; pode provir de forças sobrenaturais desatadas (lobisomem, vampiro); de uma fera que se sente acuada e reage; etc. *Em princípio*, nada disso diz respeito ao tema proposto. Tampouco, a conflagração de guerra entre dois Estados. Nem o drama puramente psicológico, focado no estreito embate de duas psiques.

No parágrafo anterior, dissemos *em princípio*, pois não se deve descartar que, entremeados nessas ficções, se possa localizar momentos, trechos, fios, e mesmo, partes inteiras em que a referida articulação (ou dialética) se expressa. Como em *King Kong* (1933, 2005), que começa como filme de aventuras, cujos protagonistas são exploradores-cineastas,

mas em que a contradição indivíduo/sociedade rapidamente irrompe (a fera recebendo o papel de indivíduo, e a sociedade econômica, técnica e cientificamente mais avançada do planeta sendo o agente ferozmente destruidor).

Retomando: o tema em tela não se pauta pela relação sociedade/sociedade (ainda menos Estado x Estado) nem indivíduo/indivíduo, mas pelo exame dos posicionamentos do(a) personagem-indivíduo em relação à sociedade em que está, diante da capacidade de acolhimento e inserção desta ou, pelo contrário, das exigências, tiranias ou recusas que esta coloca. Nessa dialética, os extremos do leque de posturas do indivíduo são o cantar de exaltação da sociedade e a crítica acerba à mesma.

Dito em poucas palavras, se trata de saber se *las familias* (os indivíduos dessas famílias) são ou não felizes *com* a sociedade que é a sua (e como vivenciam, administram a situação em que se encontram).

Após esses breves registros delimitadores do tema, talvez o melhor seja apontar exemplos. Escolhemos dois personagens-indivíduo que figuram em duas obras, respectivamente publicadas nos séculos XVII e XIX, que nos parecem significativas e modelares.

Dois personagens exemplares

De autoria da condessa Marie-Madeleine de Lafayette (1634-1693), *La Princesse de Clèves* (A princesa de Clèves, 1678) é considerado um marco do romance psicológico francês. O *incipit* situa a narrativa na corte francesa do século XVI em período localizado e caracterizado, com certa precisão: “Nunca a magnificência e a galanteria apresentaram tamanho esplendor em França como nos últimos anos do reinado de Henrique II”.¹ Desprovidas de qualquer ironia e não desmentidas pelo resto do romance, essas duas linhas inaugurais deixam patente a admiração idealizadora e embelezadora que a instância narradora cultiva por aquela época (final dos anos 1550), prenunciando a sintonia, comunhão e identificação da protagonista epônima com os valores e *modus vivendi* de seu meio (a alta nobreza).

Nascida na família dos Chartres, a protagonista aceita casar com o príncipe de Clèves que arde de paixão por sua pessoa. Ela estima-o, mas não sente amor. Pouco depois do

¹ *A princesa de Clèves*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987, p. 7. Tradução de Mário Quintana para: “La magnificence et la galanterie n’ont jamais paru en France avec tant d’éclat que dans les dernières années du règne de Henri Second.”

casamento, conhece o duque de Nemours. Ambos se apaixonam à primeira vista. Porém, ciosa de sua auto-imagem, ela não se desvia dos princípios morais de sua educação materna (alicerçada na virtude), rejeitando qualquer aceno de vida amorosa por fora de seu matrimônio com monsieur de Clèves, mesmo depois do falecimento deste.

A intriga centra no conflito vivenciado pela personagem, tensionada entre dois polos irreconciliáveis: o desejo (individual) *versus* as expectativas (sociais) recebidas de sua educação, conformando os referenciais de sua auto-estima. Vive tensionada, quase dividida, mas não dilacerada: as orientações da pedagogia materna minimizam seus sofrimentos de mulher virtuosa, cuja resistência se respalda e fortalece na convicção de que, se não estivesse estribada no pilar da virtude, perderia o respeito por si mesma, despedaçando-se.

Inexiste, portanto, no romance, qualquer esboço de consciência crítica, de questionamento a respeito das regras e valores estabelecidos. O desenlace se situa no terreno psicológico da internalização do conflito, da estóica busca do equilíbrio moral através dos recursos próprios disponíveis na época: moralidade, religiosidade (processo, hoje, chamado de sublimação), cuja contrapartida encontra-se (ver o *incipit*) na aura embelezadora (cantar de exaltação) da corte da época e de suas relações sociais.

O segundo exemplo, por nós escolhido, equaciona o problema de outra forma. Trata-se da página final de *Le Père Goriot* (O pai Goriot, 1835), romance de Honoré de Balzac, que se desenrola em Paris, em 1819-1820.

Após assistir à decrepitude, morte e enterro do pobre Goriot, pai generoso e dedicado às filhas (que lhe abandonam miseravelmente em seus últimos momentos de vida), o jovem Eugène de Rastignac extrai lições dos fatos presenciados. Despojos, espera, pobreza...: a ruína final do homem amável e zeloso revela tudo aquilo que Rastignac não pretende ser. O patético da morte de Goriot marca o término de seu aprendizado.

Na cena que fecha o romance, Rastignac se coloca em posição privilegiada, a partir da qual pontifica sobre seu futuro. Num ambiente crepuscular, a descrição acumula os sinais da metamorfose do personagem. Vista do alto do cemitério situado na colina Père-Lachaise, a Paris sensual é, na renovada perspectiva de Rastignac, a Sociedade a ser conquistada:

Sozinho, Rastignac deu alguns passos em direção ao alto do cemitério e viu Paris tortuosamente deitada ao longo das duas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos fixaram-se quase avidamente entre a coluna da praça Vendôme e a cúpula dos Invalides, onde vivia a bela sociedade que quisera frequentar. Lançou sobre aquela colmeia agitada um olhar que parecia antecipadamente sugar-lhe o mel e proferiu estas palavras grandiosas: “Agora, é entre nós dois!”

E, como primeiro ato do desafio que lançava à Sociedade, Rastignac foi jantar na casa da senhora de Nucingen.²

Conseguir integrar a fascinante vida de luxo e oportunidades que surge no horizonte, participar da festa, extrair a riqueza, saborear o mel: eis o objetivo, a finalidade da vida de Rastignac, sua razão de ser. No “olhar” vencedor, no “desafio” lançado, Balzac soube concentrar, em modo quase paroxístico, os termos da dialética indivíduo/sociedade: um embate! Rastignac transforma-se no epítome do arrivismo arrojado, da ambição exacerbada, identificados pelo autor como uma das marcas do capitalismo então ascendente na França. No contraste irônico entre as “palavras grandiosas” e a decisão, aparentemente trivial, de se dirigir ao jantar dos endinheirados Nucingen, se encontra toda a carga de ironia do narrador balzaquiano. Foram-se os tempos em que prestígio, glória, ascensão social granjeavam-se heroicamente (por exemplo, nos campos de batalha). Ainda que, na Paris almejada, não faltem os riscos e perigos: os jantares da “bela sociedade” são palcos de violentos engalfinhamentos e renhidas guerras, os dentes dos jovens lobos são mais afiados do que adagas, e os velhos chacais sabem se defender!

Depois dos exemplos, passemos ao...

Leque e perfil do conjunto de artigos publicados na seção temática deste número

Frutos da chamada pública lançada e do processo de avaliação por pares de pareceristas, temos treze artigos em nosso número: um oriundo do Senegal, outro da França, os demais onze de estados do Brasil (seis do RS, quatro do RJ e um de Pernambuco).

Os treze trabalhos podem ser listados de formas diversas; optamos por um rol cronológico (conforme a data de publicação das obras, abrindo, portanto, com os anos 1830-1840), combinado com a decisão de dar o devido relevo aos dois artigos que se debruçam, respectivamente, sobre a literatura do Quebec e sobre a literatura produzida em dois Estados africanos (Camarões, Senegal), aos quais cabe a tarefa de oferecer o fecho da seção temática.

² *O pai Goriot*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 274. Tradução de Marina Appenzeller para: “Rastignac resté seul, fit quelques pas vers le haut du cimetière et vit Paris tortueusement couché le long des deux rives de la Seine où commençaient à briller les lumières. Ses yeux s'attachèrent presque avidement entre la colonne de la place Vendôme et le dôme des Invalides, là où vivait ce beau monde dans lequel il avait voulu pénétrer. Il lança sur cette ruche bourdonnante un regard qui semblait par avance en pomper le miel, et dit ces mots grandioses: ‘À nous deux maintenant!’

Et pour premier acte du défi qu'il portait à la Société, Rastignac alla dîner chez madame de Nucingen.”

Uma classificação por gêneros literários e tipos de estudos literários recensaria sete artigos sobre narrativas, um sobre teatro, três sobre poesia, um sobre música e poesia, um sobre história da literatura e da sociedade quebequense.

Um olhar superficial poderia pensar que a seção é dominada, esmagada pela literatura da França metropolitana (o Hexágono, como é apelidado). A realidade é um pouco mais complexa: seis artigos versam sobre autores que nasceram fora da França Hexagonal ou sobre processos literários e culturais externos a esta. Sinal de tempos em que ocorre uma saudável (embora ainda incipiente) diversificação dos autores e das literaturas francófonas estudadas.

Outro positivo sinal dos tempos (ainda incipiente, também): quatro artigos (quase um terço do total) estudam obras produzidas por mulheres, garantindo a presença na seção temática de nove escritoras: Colette, Simone de Beauvoir e Annie Ernaux (França); Agota Kristof, Brina Svit, Wei-Wei, respectivamente de origens húngara, eslovena e chinesa; Calixthe Beyala (Camarões), Sokhna Benga e Ken Bugul (Senegal).

Passemos, agora, a um...

Rápido panorama dos treze artigos

Abrindo a Seção Temática (pelo fato do autor estudado ocupar a ponta mais recuada do leque temporal), Lauren Bentolila-Fanon (UT-JJ, França) examina a representação da homossexualidade na obra de Balzac. Em que pesem as teorias da época sobre criminalidade e desvios sexuais, o traço do homossexualismo se ligaria, em Balzac, a uma construção coerente de personalidade que une transgressão social e exuberância sexual. Para a autora, as anomias sexuais, examinadas em obras como *Sarrasine* (1830), *Le Père Goriot* (1835), *La Fille aux yeux d'or* (1835), *Spendeurs et misères des courtisanes* (1838-1847), entre outras, compõem uma estética romântica da revolta, da energia pletórica, na qual o abjeto transfigura-se no sublime, na contestação da mediocridade da sociedade pós-revolucionária.

Hector Berlioz (1803-1869) é mundialmente conhecido por sua obra como compositor musical e maestro. Sem descuidar desse aspecto, Celina Moreira de Mello (UFRJ) quer fazer conhecer o escritor (autor de tratados, artigos críticos, narrativas de viagens e memórias), bem como seu interesse pela poesia e os poetas. Ela insere seu trabalho sobre a força da criação literária em Berlioz no âmbito de uma reflexão visando questionar certos esquemas redutores de conceituação da literatura romântica e propõe enxergar no romantismo um amplo e “formidável movimento de renovação e busca de novos modos de dizer e novos modelos”, que ergueu a bandeira da liberdade, “inflamada por um pathos subjetivo”.

A cidade de Paris e a obra de Charles Baudelaire vêm suscitando estudos conjuntos. No enfoque de Edson Rosa da Silva (UFRJ) é a poesia de Baudelaire que ganha maior espaço. Seu artigo trata do papel da vivência na urbe moderna, que vai se configurando ao longo do século XIX, como deflagradora de elementos dicotômicos na poética de *As flores do Mal*. Imerso na multidão e atento à coexistência dos contrários, o poeta produz novas perspectivas que dão forma a seus “quadros parisienses”. Nesse processo, são interrogados o conceito tradicional de beleza assim como o lugar do poema e do poeta, o qual realiza também um novo modo de leitura da história.

O conde de Lautréamont se notabilizou por seu espírito provocador e iconoclasta, pelo vendaval revolucionário com que sua obra mudou a paisagem literária e intelectual. Com o facho da luz surrealista em mãos e assessorados pelas agudas análises do poeta surrealista argentino Aldo Pellegrini, Ruben Daniel Castiglioni (UFRGS) e Janaína de Azevedo Baladão (PUCRS) investigam o caminho biográfico e intelectual do autor de *Os cantos de Maldoror*, procurando entender porque Lautréamont, sua escrita e categorias tornaram-se referência para o movimento surrealista

Ao estudar o mito de Narciso nas obras de André Gide e Paul Valéry, Rodrigo de Oliveira Lemos (UFCSPA) conclui que os dois escritores tomam o referido mito como símbolo da postura poética. A partir dessa constatação, ele discute o estatuto do indivíduo em sua relação com a sociedade em base na teoria de Marcel Gauchet sobre o processo de “saída” da religião, bem como a importância desta para a concepção moderna de poesia tal como formulada nas versões do mito de ambos os autores.

Augusto Darde (UFRGS e UFPel) analisa *Débarcadères* (1922), coletânea poética em que Jules Supervielle joga com a relação entre os espaços geográficos e culturais de dois continentes, a América do Sul e a Europa. Ele estuda a obra sob o ponto de vista de suas dicotomias. Também pondera a inserção de Supervielle nos debates das vanguardas europeias e mostra como, na construção de uma poética da alteridade pelo tema da viagem, o poeta, nascido no Uruguai, discute a resistência de localidades sul-americanas às influências europeias.

Apoiando-se nas elucidativas e inspiradoras análises desenvolvidas por Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949), sobre a condição feminina, Maristela G. Sousa Machado (UFPel) realiza uma leitura de “*La Main*”, de Colette (1924). Acompanhando o olhar da protagonista, as vagueações de sua mente, suas lembranças, suas distorções visuais, suas reações e sentimentos, ela aponta como, na novela de Colette, vêm à tona medos, preconceitos e posturas decorrentes das regras, expectativas e costumes da sociedade

patriarcal e, portanto, inerentes à condição feminina de então, permitindo verificar que “*La Main*” oferece uma representação da mulher casada nos primeiros decênios do século XX.

Fernanda Vieira Fernandes (UFPel) propõe uma análise de *La Putain respectueuse*, contundente peça teatral de Jean-Paul Sartre, centrando na construção do personagem negro. Examina, também, as demais figuras dramáticas (os brancos, ricos; a prostituta, pobre, fragilizada) e o contexto: o racismo segregacionista atuante no Sul dos Estados Unidos na década de 1940. Além da discriminação racial, a autora ainda identifica a questão da opressão social que debilita a prostituta, enfraquecendo sua resistência, subjugando sua consciência.

Euridice Figueiredo (UFF) se debruça sobre duas dimensões da escrita de Albert Camus: suas colaborações ao jornal *Combat* e seu último romance, *O primeiro homem*, de caráter autobiográfico, que reconstitui sua história familiar e suas raízes na Argélia, seu país de origem. Em sua revisão, comparecem várias questões cruciais da política francesa dos anos 1944-1960 e, também, um retrato humano, ético e político de Camus: suas origens e condição social, os complexos e densos laços com a Argélia, a difícil e desconfortável situação em que se encontrou durante a luta armada independentista, a Guerra da Argélia.

Rosiane M. Soares da Silva Xypas (UFPE) examina casos de bilinguismo literário com foco nas narrativas de três escritoras contemporâneas – Agota Kristof, Brina Svit e Wei-Wei, respectivamente de origens húngara, eslovena e chinesa – que adotaram o francês como língua de escrita literária. O estudo recolhe as manifestações das autoras a respeito do significado e motivação de suas escolhas, bem como avalia a experiência de bilinguismo nas transições de uso entre a língua materna e o francês, discutindo os conflitos inerentes a um processo de recusa da língua materna para a criação literária.

Annie Ernaux destaca-se por pautar difíceis eventos de caráter autobiográfico em suas obras. Em *L'Événement* (O acontecimento, 2000), romance examinado por Elisa F. Rodrigues e Sandra D. Loguercio (ambas da UFRGS), ela buscou elaborar a experiência do aborto como trauma. Mas, como costuma fazer, ultrapassou a dimensão individual para vislumbrar essa vivência no âmbito de uma perspectiva ampla, coletiva, de viés social. Como salientam as autoras, no caso de *L'Événement* e do aborto, Ernaux foi além dessa experiência, tratando, também, do significado da escrita enquanto uma “atividade política” que poderia contribuir tanto na manutenção do *statu quo* como em sua transformação.

Os dois últimos artigos tratam de literaturas francófonas produzidas fora do Hexágono. O de Luciano Passos Moraes (Colégio Pedro II) relaciona literatura, história e identidades no Quebec, resgatando a história da província, dando relevo a seus processos migratórios, decisivos na configuração da questão identitária que tem marcado fortemente os temas da

literatura. Neste contexto, a inclusão social e o estatuto da língua francesa no Quebec são enfocados pelo autor, o qual, também, propõe que o debate seja recolocado nos termos da multiplicidade cultural e não mais apenas em torno da formação da identidade nacional.

Fechando a seção temática, Ibra Diéne (UCAD, Senegal) apresenta três escritoras africanas (Calixthe Beyala, Camarões; Sokhna Benga e Ken Bugul, ambas do Senegal), analisando, para cada escritora, uma obra em que é explícita a contradição entre indivíduo-mulher e sociedade. O trabalho aponta que as origens dos conflitos são individuais (as protagonistas acalentam “sonhos incompatíveis com seu cotidiano”, com o meio em que nasceram), mas suas raízes são sociais. Pois o mundo ficcional das três narrativas é um universo em que coexistem os valores e costumes africanos tradicionais com os valores e modo de vida ocidentais, porém onde a coexistência nem sempre é pacífica.

A Seção Livre e a resenha

A tradicional Seção Livre da revista conta com dois artigos que se mantêm no campo dos estudos francófonos ou, se preferirem, dos estudos sobre a língua francesa, sobre as literaturas e culturas de língua francesa e sobre sua tradução.

O primeiro, de autoria de Patrícia R. Reuillard e Cristian Quinteiro Macedo (ambos da UFRGS), reavalia o campo da história da tradução mediante a análise de resenhas publicadas na imprensa francesa do início do século XIX. Embasado em rico material jornalístico colhido no *Journal des débats*, o trabalho discorre sobre as diferentes visões da prática tradutória entre 1814 e 1837.

O segundo artigo provem de um projeto de pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês para o português do Brasil. Gabriela Jardim da Silva (FURG) e Robert Ponge (UFRGS) reconstituem os fundamentos e procedimentos dos processos de pesquisas lexic-semânticas que alimentaram a busca de equivalentes para a tradução de três expressões presentes em *Melmoth réconcilié*, romance de H. de Balzac (1835). O trabalho sugere caminhos para a pesquisa criteriosa na tarefa de traduzir, evitando atalhos que produzem, com frequência, erros de compreensão e/ou tradução.

Encerrando o volume, a Seção de Resenhas apresenta e aprecia *Ourika*, uma curta narrativa da escritora francesa Claire de Duras. Publicado em 1824, o texto teve excelente repercussão em sua época. Foi depois esquecido, mas está sendo lentamente recuperado em nossos dias. Além de aspectos da composição da narrativa, as autoras, Julia H. das Chagas e Beatriz C. Gil (ambas da UFRGS), expõem elementos sobre a gênese da obra e traçam um

breve quadro histórico esclarecendo o caráter inédito desta produção que tematiza a mulher negra na sociedade francesa do final do século XVIII.

Desejamos, por fim, agradecer a todos os participantes deste volume: tanto a quem enviou sua contribuição, colaborando para a variedade, qualidade e aprofundamento da discussão proposta neste número, como às e aos colegas que aceitaram prontamente emitir parecer aos artigos. Agradecemos, igualmente, à professora Maria Cristina Leandro Ferreira, editora deste periódico, por acolher nossa proposta de um número dedicado às relações entre indivíduo e sociedade nas literaturas de língua francesa; e a Diego Bretanha e Leandro Bierhals, pelo apoio na editoração do mesmo.

Robert Ponge³ e Beatriz Cerisara Gil⁴

Organizadores

³ Doutor em Letras pela USP. Professor titular aposentado da UFRGS, docente convidado do PPG em Letras da mesma universidade. Leciona literatura francesa e tradução.

⁴ Doutora em Letras pela UFRGS. Professora de literaturas de língua francesa do Departamento de Línguas Modernas e do PPG-Letras da UFRGS.